

Buscando uma Dimensão Nacional para a Geografia

Entrevista com o professor José Borzacchiello da Silva



José Borzacchiello da Silva é um dos mais renomados geógrafos brasileiros, graças a suas múltiplas atuações em praticamente todo o país, à sua produção científica focada na Geografia Urbana e nos movimentos sociais. Mestre e Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, realizou seu Pós-Doutorado na Universidade de Paris IV, com o Professor Paul Claval. É professor convidado para diversos mestrados e doutorados e tem desenvolvido suas pesquisas em numerosos projetos na linha de estudos urbanos e regionais e

na de Geografia Urbana e Movimentos Sociais. De suas inúmeras publicações sob a forma de artigos em revistas científicas e jornais, podem ser destacados os livros: “Nas Trilhas da Cidade”, “A Cidade e o Urbano”, “Os Incomodados Não se Retiram”, “Fortaleza: Cidade Fragmentada” e “Fortaleza: a Criança e a Cidade”.

Sem se descuidar das discussões teóricas, das quais participa ativamente, tem se voltado, prioritariamente, para trabalhos socialmente engajados, nos quais se destaca entre os geógrafos brasileiros.

**ENTREVISTA CONDUZIDA POR JOÃO RUA.
RIO DE JANEIRO, MAIO DE 2003**

GeoUERJ - Você é carioca, mas poucos têm uma vivência nacional e internacional semelhante à sua. Fale-nos, um pouco de sua trajetória de vida,

infância, família... Como a Geografia entrou em sua vida? Por que escolheu essa disciplina e que influências sofreu, que o auxiliaram nessa escolha?

Prof. José - Tive a sorte de estudar num colégio repleto de professores reconhecidos. Dentre eles, José César Magalhães. Sua habilidade como professor despertava interesse em vários alunos. Sério e exigente ensinava uma geografia de qualidade. O Professor César é, sem dúvida nenhuma, um dos responsáveis por minha opção pela geografia. Fui seu aluno de ensino médio no Colégio França Júnior, na Penha, mais precisamente, no Conjunto do IAPI. Foi um período maravilhoso. O curso era noturno e os professores do quadro tinham uma proposta política. O Colégio integrava a rede da CNEC – Campanha Nacional de Educandários da Comunidade. Dos geógrafos famosos e conhecidos tive como professores vários ligados ao IBGE como César, Írio Barbosa, Maurício da Silva Santos e Henrique Santana.. No caso de César, era uma espécie de geógrafo da família. Foi meu professor e de minhas irmãs Rosalina, Luiza e Gracinda. Rosalina foi uma aluna excepcional. Face ao seu desempenho, havia uma enorme cobrança sobre o meu rendimento, o que era muito ruim. Em 2002 tive a felicidade de participar de um almoço comemorativo dos 50 anos de magistério de César. Foi-me difícil chamá-lo sem o “professor” apesar de sua insistência. Fizemo-nos presentes três ex-alunos: eu, Maria Tereza Toríbio, Profa. de História da UERJ, o compositor Reginaldo Bessa. Foi em encontro gostoso, nostálgico e de atualização sobre a vida de pessoas dispersas. Lá estava também um dos melhores professores que tive na vida – Ronaldo Menegaz, que lecionava francês e que muito contribuiu para me deixar dividido quando da escolha da profissão. Começo com esse depoimento para mostrar a importância que a escola média exerceu em minha formação, no meu desempenho profissional e nas minhas futuras opções. Filho de imigrantes com mãe nascida em Nova York em 1912, e que em 1914 migrou para a Itália com seus pais, italianos de Nápoles. Meu avô já havia migrado para o Brasil em 1882, ainda criança, tendo depois retornado

com seus pais para a Itália. Em 1921 ele migra novamente para o Brasil, agora com mulher e duas filhas. Meu pai, português da Beira Alta, nascido em 1904, no Concelho de Viseu, chega ao Brasil em 1923. Casaram-se em 1935. Esse matrimônio compunha uma verdadeira trama geográfica, mesclando pessoas de países e culturas diferentes. Tive uma infância livre e solta num subúrbio que ampliava sua malha com vários loteamentos de ocupação dispersa. O que não faltava era área para correr e campo para brincar. Minha infância era pura geografia urbana. Ficava atraído por cada trem suburbano ou de carga que passava. Imaginava-me lá dentro seguindo pelos labirintos da cidade. No bairro da Penha, habituei-me a identificar em seus edifícios, paisagens européias a partir das descrições de meus pais. Mesclava, não sei explicar como, minha vivência com o bairro da Leopoldina e as memórias de família. A Penha contava com um belo jardim com chafariz francês com lindos detalhes decorativos. Na esquina do jardim com a Estrada Vicente de Carvalho havia O Castelinho, réplica de um castelo medieval português. Era todo feito em pedra. Eu achava suas torres enormes. Minha mãe, descrevendo, não parava de dizer que tínhamos que conhecer Nápoles e seus arredores, Sentia muita falta de Laranjeiras, o bairro anterior onde a família morava. Meu pai falando de Viseu, de Mangualde e Castro D’Aire, Porto e Lisboa em Portugal, como se estivesse estado nessas cidades no dia anterior. Era super contraditório. A nostalgia dos migrantes com suas reminiscências e o orgulho de fazer parte da Cidade Maravilhosa. Eles eram alucinados pelo Rio de Janeiro. Papai era um verdadeiro andarilho, um flâneur baudelairiano. Conhecía o Rio de Janeiro de ponta a ponta. Proprietário de uma leiteria de porte razoável, distribuía leite em vários bairros da zona sul carioca a partir da Glória.

Eu lia muito. Meu repertório continha as leituras obrigatórias da escola e a forte influência de minha irmã Rosalina, verdadeira devoradora

de livros. Ela pertencia a uma espécie de círculo do livro que facilitava o acesso farto à literatura. Li Machado de Assis, José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo, Rubem Fonseca, José Lins do Rego, Graciliano Ramos. Os romances que tinham o Rio como pano de fundo eram os meus prediletos. Em pouco tempo, ainda na infância, vagava com meu pai procurando endereços de personagens que me marcavam durante a leitura. Queria ir à casa de Aurélia, de Fernando do livro "Senhora". Paquetá do livro "A Moreninha", era lugar de peregrinação obrigatória. Capitus, Bentinhos e Helenas faziam parte de meu romanceiro urbano. Queria ver as "chácaras" do Rio Comprido e do Catumbi. Insistia com meu pai para ultrapassar as escarpas da Serra do Mar, transpor o Piabanha e ver a área de localização da casa de Dom Antônio de Mariz do livro "O Guarani" de Alencar. Gostava de prosa e verso. Ficava emocionado ao ler "O Último Poema do Beco" ou "Beco das Carmelitas", de Manuel Bandeira. Foi nesse amálgama de literatura e experiência familiar que emergia, pouco a pouco, o meu interesse pela geografia. Minha mãe nunca foi alfabetizada formalmente. Num auto didatismo que até hoje me impressiona, aprendeu a ler soletrando letras de músicas populares da revista "Modinha Popular". Adorava Noel Rosa, Orestes Barbosa e Orlando Silva, O "Rei das Multidões". Meu pai cursou a quinta série em Portugal. Ambos liam jornal diariamente. Adoravam livros de história e de geografia. O Atlas Geográfico era uma preciosidade disputada pela família. Meu pai penetrava em seus mapas e me conduzia com ele. Minha mãe tinha um livro de cabeceira. Trata-se de "Memórias" de Humberto de Campos. O autor descreve em seu livro suas peripécias com um pequeno cajueiro que ele plantou em sua casa de Parnaíba, onde passava as férias, vindo de São Luís. Não tive outra alternativa senão ir à Parnaíba, no Piauí, nos anos 70, para fotografar a famosa árvore tão decantada pelo famoso memorialista. Minha mãe ficou

felicíssima. Esse livro era também o predileto de minha tia, irmã de minha mãe, professora que morreu com tuberculose em 1948. Meus pais, como só era de esperar, faziam, com frequência, um "sambinha do crioulo doido", conforme o Stanislaw Ponte Preta. As constantes confusões, não empanavam meu interesse e entusiasmo. Prosseguia subindo e descendo ladeiras, escadas, visitando igrejas, obras e edifícios públicos. Ficava encantado com as reminiscências de meus pais. Era, sem dúvida, o maior explorador de suas memórias. Sendo ambos apaixonados pelo Rio de Janeiro, adoravam ser abordados sobre o tema. Minha mãe tinha aprendido todos os hinos do Estado Novo. Sem saber o sentido fascista de seu ufanismo, misturava os cívicos com os católicos, num fervor impressionante. Lembrome de letras esparsas sempre rimando gentil com varonil e muitos louvores.

GeoUERJ - Como foi sua graduação? Que leituras realizava? Quem o influenciava mais nessa fase?

Prof. José - Na Gama Filho tive oportunidade de ser aluno de professores dedicados e entusiasmados. Meu curso foi fortemente influenciado por Pierre George. Dele, li muita coisa. "Geografia Rural", "Geografia Econômica", "La Géographie Active", o "Précis de Géographie Urbaine" e o famoso na época, "Panorama do Mundo Atual". Emanuel De Martonne, Pierre Birot, Jean Brunhes, Maximilien Sorre entre outros, também eram citados. Dos brasileiros, Josué de Castro, Antônio Teixeira Guerra, Viktor Leins e Sérgio Estanislau do Amaral. O IBGE contribuía com sua biblioteca geográfica. Foram muitos textos da Revista Brasileira de Geografia, do Boletim Geográfico e dos Cursos de Férias para Professores. A Enciclopédia dos Municípios Brasileiros era constantemente citada. Edgar Kulmann de Biogeografia, Maurício da Silva Santos em Geografia Regional, Maurício Coelho em Geografia do Brasil. Alfredo José Porto Domingues ministrou Pedologia e Geologia

110

Geral, dirigia suas aulas de campo com maestria, tornando-as inesquecíveis e imprescindíveis...era empolgadíssimo. Nessa época, a Gama Filho tinha uma grande fazenda nas imediações do município de Valença e dois ônibus disponíveis para as aulas de campo do curso de geografia. As excursões geográficas e os trabalhos de campo eram excelentes. Fiz um relatório de trabalho de campo sobre o médio Vale do Paraíba que teve sugestão de publicação pelo prof. Maurício Coelho. Carlos de Castro Botelho e Ari de Almeida eram os professores de geomorfologia. Ary elaborava quadros esquemáticos maravilhosos. Difícil não compreender o modelado e a dinâmica da paisagem. Eu adorava, era ligadíssimo às disciplinas da área de geografia física. Cartografia era ministrada por Linton Ferreira de Barros. Trazia cartas imensas para a sala de aula, o que nos obrigava a ficar descalços, agachados, trabalhando os trechos selecionados. Antônio Pedro de Souza Campos foi meu grande mestre de Geografia do Brasil e Prática de Ensino de Geografia. Fez do livro "A Escola Secundária Moderna" de Lauro de Oliveira Lima, o nosso "catecismo". Provocou também um mergulho na vida e na obra de Josué de Castro, especialmente "Sete Palmos de Terra e um Caixão". Pensava grande, era ambicioso e valorizava, sobremaneira, o ensino. Impossível não lembrar de Manuel Maurício de Albuquerque e de José Luiz Werneck, meus queridos professores de História Econômica Geral e do Brasil. Corria tudo bem até 1968. Com a AI-5, houve uma debandada e um enorme prejuízo no ensino da Faculdade. A mudança política interveio, de forma decisiva, na seleção bibliográfica. A luz no fim do túnel foi a ida para o estágio no Departamento de Geografia do Conselho Nacional de Geografia do IBGE. Um número razoável de profissionais de esquerda, muitos envolvidos com a pesquisa geográfica brasileira, exerceram preponderante papel na minha formação naquele momento. Eu mantinha contato amigável com militantes do "partidão". Fazíamos trabalho popular na Baixada

Fluminense, mais precisamente em Duque de Caxias, onde mantínhamos o Jornal "Vetor" e um grupo de teatro popular. Montamos algumas peças com o inestimável apoio da UMES e do sempre lembrado Paschoal Carlos Magno que, à distância, acompanhava nosso trabalho. A participação na passeata dos "Cem Mil" foi um momento memorável. Tive participação ativa em todas as fases do processo. Era comensal do "Calabouço", restaurante estudantil que saiu da área do Aterro para os fundos de uns edifícios da Av. Senador Câmara. A transferência deu-se em função do aformoseamento da cidade e construção de viadutos e trevo rodoviário na área do Aeroporto Santos Dumont. A cidade se engalanava para receber "Sua Majestade", a Rainha da Inglaterra que deveria assinar o protocolo do consórcio internacional Brasil X Inglaterra para construir a ponte Rio-Niterói. A precariedade do novo restaurante ocasionava protestos freqüentes e choque com a polícia. Foi num destes que o estudante Edson Luís, foi assassinado, o que ocasionou fortes reações de vários setores da sociedade contra a ditadura e o fechamento do governo militar que reagiu com mais medidas de exceção. Na passeata lembro bem da corrente formada por geógrafos, professores, estagiários e alunos de geografia. Soldados da Polícia Militar a galope, entrincheiravam o povo, comprimindo uma massa de mais de cem mil pessoas dispersas em ruelas e becos. A chegada até o IBGE da Avenida Beira Mar, onde estagiávamos foi um sufoco. Ficamos retidos no pátio/garagem e, só depois de muito tempo conseguimos chegar às nossas seções. Essa mescla de formação acadêmica e militância estudantil me projetava pouco a pouco para novos projetos. Sem perceber, preparava minha caminhada Brasil afora. Tudo começou quando concluí o curso de geografia na Gama Filho. Iniciei o estágio no IBGE no terceiro ano. Era a segunda vez que a Gama Filho selecionava estagiários para o IBGE. O critério de seleção consistia na análise do histórico escolar. Fomos

selecionados eu, Clélia Domingues e Ele-Nice. Fui estagiar no setor Sudeste, chefiado por José César Magalhães, um velho conhecido. Aliás, César era temido pelos estagiários por seu rigor e exigência. Queria tudo certinho, cada objeto em seu lugar depois de usado. Meus colegas estagiários da Seção eram Maurício Almeida Abreu, Neuza Sales e Dulce Pinheiro eram excelentes. Construimos uma relação de cumplicidade e ajuda mútua. Nunca tivemos a menor dificuldade em distribuir tarefas e responsabilidades. E olha que o trabalho era chato, chatíssimo. Contávamos também com o total e irrestrito apoio das funcionárias do setor, especialmente Dona Maria do Carmo e Violeta. O estágio do IBGE significou um reforço extraordinário na minha formação. Imagine um estudante de terceiro ano estando diante de personalidades que ele só conhecia através de bibliografia. As seções de trabalho eram ocupadas por uma elite da geografia brasileira. Amélia Alba Nogueira, Aloisio Capdeville, Roberto Lobato Correia, Pedro Pinchas Geiger, Fanny Davidovich, Lúcia de Oliveira, Orlando Valverde, Gerson Rangel de Lima, Antônio Teixeira Guerra, Elza Keller, Lysia Maria Cavalcanti Bernardes, Nilo Bernardes, Solange, Olindina, Maria Rita Guimarães, Lindalvo Bezerra, Dulce Simões, Ney Strauss e Lourdinha. Com frequência deparava com geógrafos famosos pelos corredores. Foi assim com Pierre George, com Brian Berry, com John Cole e muitos outros. Carlos Augusto Figueiredo Monteiro quanto ia ao Rio e visitava o IBGE, era uma festa. Quando chegava na Seção Sudeste, todos queriam saber das novidades de São Paulo, Rio Claro e Florianópolis. Conhecedor profundo desses três departamentos, Carlos Augusto era sempre festejado. O estágio em si era um horror. Ficamos especialistas em organizar tabelas e copiar números. Eu, Maurício Abreu, Dulce Pinheiro e Neuza Sales, resmungávamos muito e não raras vezes, cochilamos sobre as enormes e intermináveis tabelas que preparávamos sobre Minas Gerais com dados sobre produção agrícola

e pecuária para o volume do Divisão do Brasil em Regiões Polarizadas. A desforra vinha na hora do lanche, era uma festa. Saíamos em bando, você se lembra bem disso não é João? Saíamos eu, você, Luíz Antônio, Dinorah, Fátima Pimentel, Maurício Abreu, Dulce Pinheiro, Neuzinha, Arthur, Marcus Vinicius, Jorge Luis, Rui Erthal, Clélia Domingues, François Eugène, Maria Alice, Toninho, Lídia e muitos outros. Era uma turma unida e de qualidade. Foi um período maravilhoso. Encontro regularmente muitos desses amigos do tempo do estágio, sendo que fiquei mais ligado a João Rua e Maurício Abreu. Eu adorava ir para o IBGE. Nas raras horas de folga desfrutava da abundância de textos, livros mapas e atlas. Era um êxtase completo. A faculdade foi um período muito fecundo de minha vida. Da turma tenho pouca lembrança. Os interesses eram bem diferenciados. Além de ser o mais novo, mantinha uma intensa relação com os professores da escola média. No quarto ano da faculdade e segundo como estagiário do IBGE, fui indicado para chefiar uma excursão de alunos do curso de geografia da Faculdade de Filosofia de Londrina que visitavam o Rio de Janeiro e sua região. Ainda temeroso, assumi o comando do grupo. Ao término do trabalho de campo, fui convidado por professores e alunos para conhecer Londrina e o Norte do Paraná. Essa viagem foi decisiva em minha vida. Começavam minhas andanças pelo país...

GeoUERJ - Do Rio de Janeiro você foi trabalhar em outros lugares. Como foram essas experiências e que geografias encontrou? Como isso influenciou nessa sua busca de dotar a Geografia de uma dimensão nacional?

Prof. José - Até conhecer o Norte do Paraná, especialmente Londrina, minha idéia do país era excessivamente teórica. O Brasil era um grande mapa do qual eu só conhecia um pedaço muito pequeno. Mesmo sendo pequeno esse pedaço, esplêndido era o Rio de Janeiro. Dessa fase de

minha vida, mesmo cursando faculdade, minha relação se dava mais com o mundo do que com o Brasil. Freqüentava cursos de francês e inglês, pesquisava regularmente nos consulados de vários países. Nutria um interesse todo especial pela França, por sua geografia. Da visita a Londrina provocada pela cortesia de professores e alunos que me convidaram, já formado, acabei me fixando no Norte do Paraná. Viver e trabalhar naquele estado foi totalmente inovador. Morava na Região Sul, numa área de expansão paulista. Ali Sul e Sudeste se imbricavam e não definiam claramente seus limites. Surgia assim o tema de pesquisa que eu desenvolveria mais tarde. A história recente do norte pioneiro me despertou muito interesse. Os vínculos dos professores de Londrina, naquela ocasião ainda Faculdade de Filosofia, eram mantidos quase que exclusivamente com o Departamento de Geografia da USP. Cheguei em fevereiro de 1970 e me instalei em Arapongas. Trabalhei intensamente durante esse ano. Tudo era novidade – café, terra roxa, colonização japonesa, frente pioneira, companhia de colonização, Paraná Plantation, Cia Melhoramentos Norte do Paraná, cidades novíssimas, enormes, quase mágicas. Mudavam do dia para a noite. Comecei a estudar para compreender o processo de organização do Norte do Paraná, suas relações com São Paulo, com o Sudeste. Fiz o percurso dos que lá trabalhavam. Embrenhei-me no meio dos cafezais. Compreendi o que era uma “lavoura branca”, visitei agroindústrias, tentando compreender toda a dinâmica de seu funcionamento nos processos de coleta, beneficiamento e destino da produção. Vi cidades nascerem, vi a introdução de novas lavouras, o desaparecimento de outras, o crescimento da pecuária, o esvaziamento do campo, o inchaço das cidades. Neste período lia muito. O Paraná foi um mundo novo que surgiu em minha vida. Estava distante das lutas estudantis, do trabalho popular nos movimentos de bairros. A forma de loteamento que foi

realizada no Norte do Paraná – uma espécie de reforma agrária organizada pelo setor privado, ocultava os conflitos. Os pequenos proprietários, os “sem terra e os desempregados migravam forçados para Rondônia nesse período duro da ditadura militar. Emergia o conceito de “bóia fria”. Os que rejeitavam os projetos de colonização do governo na Amazônia não tinham outra alternativa que migrar para as grandes cidades. A região mudava escamoteando os grandes conflitos. Nesse período do “Brasil Grande” dos militares procurei a USP e me submeti ao processo de seleção para o mestrado no início de 1971. Trabalhava no Paraná, instalado agora em Londrina e passava dois dias em São Paulo estudando. As distâncias eram vencidas por longas viagens de ônibus ou trem. Paisagens e mais paisagens, a maioria delas totalmente desconhecida de meu repertório anterior, eminentemente urbano, ou melhor, metropolitano, eram repletas de novidades. Um mundo novo surgia. Em São Paulo, conheci um outro lado da geografia brasileira. Construí amizade com professores oriundos de vários estados e países. Ampliei minha imagem de Brasil, trocava muitas informações. Cada vez estava mais envolvido com o modo paulista de fazer geografia. Minha experiência carioca foi muito bem recebida. José Bueno Conti, tornou-se rapidamente, um de meus melhores amigos e interlocutores. Colaborou muito para que meus projetos prosseguissem. Fiz muitas amizades, li muito, discuti bastante. São Paulo reagia à onda quantitativa que invadia o IBGE. Meus grandes mestres José Ribeiro de Araújo Filho, Aziz Nacib Ab’Saber, Vanda Navarra, Renato da Silveira Mendes, Pasquale Petrone, André Libault, Léa Goldesntein, Nice Lecocq Muller, e especialmente, Maria Cecília França, minha orientadora, foram fundamentais na minha pós-graduação. Dos colegas tenho grande reconhecimento e admiração. Adyr Rodrigues, o inesquecível João Rodrigues, Armando Correia da Silva. Cabe lembrar que tive colegas em vários

períodos posto que, obtive na USP os títulos de Mestre e Doutor. Nesse transcurso conheci pessoas maravilhosas. Destaco Helena Konh Cordeiro, Odete Seabra, Ana Fani Carlos, Sandra Lencione, Ariovaldo Umbelino, Tomás, Vesentini, Scarlatto, Amália Inês, De Biasi, Gil Sodero, Palheta, Wagner, Antônio Carlos Robert de Moraes, Varderley Messias da Costa. Dos estudantes conheci levas e levas. Do Ceará fiz amizades com muitos que até hoje são como irmãos. O Brasil despontava de forma diferente. Estudei as relações cidade-região com a dissertação "A Agroindústria em Maringá". Foi uma pesquisa longa e demorada. Todos os dados foram recolhidos por mim. Elaborei os mapas, cartogramas, gráficos e tabelas. A dissertação foi bem aceita. Em 1976 fui residir no Ceará. Depois de ter participado de uma missão de pesquisa que escolheria a área para a implantação de um campus avançado do Projeto Rondon, em 1974, fui dirigir este estabelecimento localizado em Limoeiro do Norte, no Ceará. Passei todo o ano de 1976 no Baixo Jaguaribe. Ao término de minha atividade, estava totalmente envolvido com a ambiência do sertão. Resolvi ficar por lá e romper meu contrato em Londrina. No Paraná eu já havia participado de muitas experiências de pesquisa. Com Ney Strauss, Aluisio Capdeville e Dinorah, organizamos todo o roteiro Norte do Paraná para o Guia de Excursões do Encontro Brasileiro de Geógrafos, realizado em Presidente Prudente em 1972. Em pouco tempo eu já conhecia todo o Paraná, mas tinha meu interesse centrado na área de influência de Maringá. Estando no Ceará e tendo me mudado para Fortaleza, começo tudo de novo, só que agora com três filhos. No Ceará construo uma vida nova. O ano de 1976 foi revelador. Conheci um modo de vida bem diferente de tudo que vira antes. Os livros aproximam, mas não são capazes de revelar diversas facetas do cotidiano sertanejo. A geografia aflorava diante de meus olhos. A lembrança de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queirós, Manoel

Bandeira era recorrente. Às vezes eu não acreditava que estava ali, no Nordeste. Estava super motivado com o novo. Prosseguia uma saga que alimentava meu entusiasmo e ampliava meu prazer. Fiz diversos trabalhos de campo. Liderava grupos mensais de alunos da Universidade de Londrina, oriundos dos mais diversos cursos de graduação. Meu compromisso era envolvê-los com atividades que fossem capazes de revelar, da melhor forma possível, o que era aquela porção do nordeste brasileiro. Organizava festivais, bailes, conferências e entrevistas para favorecer o intercâmbio cultural entre os visitantes e nativos. Viver em pleno baixo Jaguaribe, o maior rio seco do mundo, dialogar diariamente com técnicos do DNOCS – Departamento Nacional de Obras contra Seca, participar de grupos de trabalho, propor diretrizes, entrevistar o pequeno camponês, morar numa casa que serviu de tocaia para expulsar o "bando" de Lampião que não atacou a cidade. Limoeiro do Norte, cidade de porte pequeno era, naquela época, só novidade. O cultivo de lavouras temporárias nos aluviões, a extração e beneficiamento das folhas da carnaúba, o novo projeto de irrigação em Morada Nova, a Chapada do Apodi. Foi, verdadeiramente, um novo curso de geografia que eu frequentava. Em 1977, já em Fortaleza, ampliava e alargava meus conceitos sobre Nordeste, Ceará, cidade, campo. Não via nada na agricultura semelhante ao que conhecera no Paraná. O contraste seca x cheia altera, de forma demasiada, a paisagem. Trabalhava numa instituição privada, a UNIFOR, onde coordenava um Programa de extensão e ministrava aulas. Fazia trabalho de reconhecimento e deslocamento diário com dez estudantes por semana, para a cidade de Cascavel, distante mais ou menos 60 quilômetros de Fortaleza. Lá organizávamos e fazíamos de tudo: cursos, gincanas, alfabetização de adultos, farmácias comunitárias, assistência jurídica, plantas de casas, projetos sanitários entre outros. Em pouco tempo conhecia os meandros da vida sertaneja e o modelo de organização do espaço

dos tabuleiros litorâneos. No ano de 1978, quando do 3º Encontro Nacional de Geógrafos da AGB, fiquei responsável pela organização do volume “Excursões” do evento e organizador do roteiro “O Baixo Jaguaribe”. O Encontro foi paradigmático para a geografia. Clamando por mudanças e transformações na sociedade brasileira, os geógrafos reunidos em Fortaleza deram seu grito de guerra num momento em que a abertura política começava. O Encontro contava com Milton Santos, que desfrutava os primeiros momentos políticos de seu retorno ao Brasil. José César Magalhães, presidente em exercício findo da AGB não conseguiu assimilar bem o que acontecia. Organizou tão bem o evento e teve que conviver com toda aquela reviravolta. Era 1978, ano da anistia, quando a abertura política ensaiava seus primeiros passos. A repressão e a censura davam, aos poucos, lugar à crítica e ao debate. O evento em Fortaleza discutiu o país e a estrutura da entidade foi questionada como se ela representasse a velha ordem. No evento conheci duas personalidades que foram importantíssimas em minha vida profissional – os professores Caio Prado e Orlando Valverde que, para meu desespero inicial, resolveram participar do trabalho de campo que eu chefiava, desespero que aumentava a cada vez que verificava a lista dos inscritos para a minha excursão – Prof. Koelleper e outros professores da Alemanha e vários de universidades brasileiras.

GeoUERJ - Desde cedo você se tornou participante ativo da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Fale-nos dessa sua experiência, inclusive como presidente nacional da organização.

Prof. José - No andar em que estava instalada a Seção Sudeste do IBGE, funcionava a Seção Rio de Janeiro da AGB com sua biblioteca. Conhecia a AGB desde de minha adolescência. César Magalhães falava sempre de suas pesquisas. Logo que ingressei na universidade, fui convidado a integrar a lista de sócios cooperadores da entidade maior dos geógrafos. Meu envolvimento foi total.

Começamos pela reorganização da biblioteca e atualização das listas dos sócios. Com o estágio iniciado em 1968, construí uma intensa relação com a AGB que dura até hoje. Participava de todas as atividades científicas. Em Londrina já havia organizado várias reuniões na tentativa de reestruturar o núcleo local. Em Fortaleza, participamos do grupo de trabalho responsável pela adaptação e busca de autonomia do antigo núcleo subordinado à Seção Pernambuco, conforme as normas estatutárias de 1979. Em 1983 assumi a direção da Seção Local. Foi um período de muita mobilização e realizações. A redemocratização do país viabilizava muitas atividades. Estabelecemos intensa relação com a Nacional e com diversas seções locais. Como tínhamos um grupo expressivo atuando em várias frentes e comissões, tivemos oportunidade de dar um reforço na formação de várias seções locais do Nordeste. Foram muitas as viagens pelo interior do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Em 1986 fui lançado como candidato à presidência da entidade. O apoio da seção local foi preponderante. Vanda Sales, pesquisadora, professora e participante ímpar na entidade, foi fundamental para nossa candidatura. Estávamos em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, participando do Encontro Nacional de Geógrafos. Duas chapas concorriam. Eu, Carlos Walter Porto Gonçalves, Vanda Claudino Sales, Beatriz Ribeiro Soares, Iraci Palheta, Vesentini e Neugesila tivemos uma vitória esmagadora. Cumprimos todo o programa traçado e tivemos alguns ganhos durante nossa gestão. Atravessamos o país em todos os quadrantes, mesmo sem contar com recursos da AGB. Visitamos várias seções locais na tentativa de reanimar suas lideranças e associados. Tivemos a ousadia de realizar uma Reunião de Gestão Coletiva em Manaus. Para grande alegria nossa e dos sócios abnegados daquela Seção, ampliamos o número de associados. Cumprimos as resoluções da Assembléia realizada em Campo Grande.

Dentre elas, a mais desafiante foi a organização de um evento voltado para os professores de geografia. Nascia assim, o 1º Encontro Nacional de Professores de Geografia – o *Fala Professor*, realizado em Brasília, numa manifestação inovadora na área do ensino no Brasil. Foi um sucesso que não se repetiu, apesar dos inúmeros esforços realizados posteriormente. Resgatamos antigos sócios que mantiveram-se à distância nos momentos mais críticos da entidade. Foi uma época difícil. Dar continuidade à Revista Terra Livre foi um outro desafio. O primeiro número foi lançado em Campo Grande. Tínhamos que garantir a continuidade. Tive que apaziguar ânimos, resistir a falas críticas e intermináveis em longas assembleias repletas de sócios. Sentia que nascia uma nova AGB, forte e revigorada. Na Assembleia Geral de Maceió, votamos alterações no Estatuto, ajustando-o à necessidades de escolha de nossos representantes junto ao CONFEA/CREA e à Comissão MEC/SESU. Concluí o mandato com uma sensação de dever cumprido. É grande o meu agradecimento a todos e todas que contribuíram para que pudéssemos levar a contento tão árdua tarefa.

GeoUERJ - Seu Trabalho em Geografia e, particularmente, na Geografia Urbana foi ganhando uma dimensão nacional, principalmente após o seu doutorado. Como foi esse galgar de degraus que o tornou uma das mais conhecidas expressões da Geografia brasileira?

Prof. José - A cidade sempre exerceu em mim enorme fascínio. Conhecê-la, desvendá-la, interpretá-la é um desafio infinito. Da casa ao quarteirão, do mundo ao bairro. Meu interesse pela cidade data de muito tempo, de uma fase que eu nem tinha noção do que seria referencial teórico e base conceitual de análise. À medida que eu me embrenhava na cidade, no caso, o Rio de Janeiro, maior era o meu encantamento e a vontade de conhecê-la de corpo inteiro. Começa aí uma aventura que passa toda a minha vida.

Adoro conhecer cidades e entendê-las na complexidade da realidade social em que estão inseridas. Conheci muitas, dedico-me a interpretar uma - Fortaleza. Relacionando o que observei em várias cidades nessa urbanização progressiva da humanidade com suas formas, tamanho e tipos de organização espacial variados, tento explicar Fortaleza. Sei que não é tarefa específica do geógrafo. A cidade é um tema multidisciplinar. Nos últimos vinte e cinco anos, tenho participado de muitas experiências com arquitetos, sociólogos, antropólogos e outros profissionais. Percebo que eles valorizam minha opinião. Na perspectiva da gestão oficial de cidades seja por conta das estruturas administrativas do estado ou de prefeituras, tenho feito palestras e conferências, participado de grupos de trabalho e assessorado organismos nacionais e internacionais. No tocante à Fortaleza, construí vários roteiros capazes de facilitar sua compreensão. Escrevi vários livros e textos. Organizo trabalhos de campo que despertam interesse de técnicos, estudantes, moradores e políticos. Assessoro vários movimentos sociais urbanos especialmente a Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza e o Ceara Periferia. Desse contato com o movimento popular tive oportunidade de vivenciar a realidade no interior de favelas e enormes conjuntos habitacionais. Buscando compreender a dinâmica urbana desenvolvo várias pesquisas. Como coordenador de projetos do programa CAPES/COFECUB, tive oportunidade de discutir a realidade urbana brasileira e, especialmente a de Fortaleza com pesquisadores experientes, habituados a frequentar fóruns internacionais sobre a cidade e o urbano. Minha tese de doutoramento “Movimentos Sociais Populares em Fortaleza – Uma Abordagem Geográfica” defendida em 1987 possibilitou meu trânsito por entidades e órgãos até então pouco afeitos ao geógrafo. A novidade da abordagem que relacionava geografia e movimentos sociais fez com que eu fosse convidado para vários

eventos em Fortaleza, no interior do Ceará e noutros estados do Nordeste. À medida que eu consolidava minhas idéias dinamizei o grupo de geografia urbana do Departamento de geografia da UFC, onde criamos o LAPUR – Laboratório de Planejamento Urbano e Regional. Ali desenvolvemos várias pesquisas com estagiários e bolsistas mantidos pelo CNPq. Hoje quase todos são portadores do título de mestre e de doutor. Na AGB, a Comissão de Estudos Urbanos passou a ter uma enorme demanda, exigindo uma participação ativa dos associados ligados à área da Geografia Urbana. Destaco também a demanda por parte da Arquidiocese de Fortaleza e da CNBB que pediam nossa participação em comitês e comissões. Fizemos várias publicações em conjunto. Por último destaco os vínculos que estabelecemos com os partidos políticos de esquerda que convidavam-me para participar de grupos de trabalho, em debates e elaboração de documentos políticos que deviam apresentar fundamentos teóricos e técnicos.

GeoUERJ - E como pesquisador e ativista das causas sociais, onde tem obtido experiência rara, entre os geógrafos, como avalia a sua participação? Que dificuldades encontrou para se inserir em equipes de trabalho onde o pesquisador e o ativista teriam de ter papéis distintos?

Prof. José - Construí minha vida na militância. Durante minha graduação participei ativamente em movimentos políticos e sociais. Era um período conturbado. Ingressei na universidade em 1966: Peguei, como já disse anteriormente, todo o arrocho do AI5. Tinha vários amigos que viviam na clandestinidade. Atuávamos na Baixada Fluminense. Via freqüentemente fotos de companheiros nossos em cartazes afixados em postes, paredes e muros que estavam sendo procurados vivos ou mortos. Isso gerava precaução e alimentava o gosto e interesse pela luta. Quando fui para o Paraná no início dos anos 70, vi na AGB, uma forma de carrear nosso

potencial de luta, luta que adentrava a sala de aula e clamava por melhores condições de formação e que extraía da realidade as bases da análise para uma geografia engajada. A perseguição era grande. Cheguei a Arapongas e Londrina com dificuldades de me identificar e explicar direito quem eu era. Estávamos nos “anos de chumbo”, todo mundo desconfiava de todo mundo. Um desconhecido podia ser um “dedo duro” a serviço da repressão mantida pela ditadura militar. Consegui me revelar como pessoa, me firmar e conquistar a confiança de meus pares e de meus alunos. Havia desconfiança, ninguém revelava abertamente sua militância. Era preciso muito cuidado e precaução. A bruxa estava solta. Qualquer descuido podia ser fatal. No ano seguinte, matriculado na pós-graduação em geografia na USP, encontrei ambiente propício à manifestação de minhas idéias. O Departamento de Geografia era um “bunker” de resistência. Os anos foram passando e 1978, já residindo em Fortaleza, continuava mantendo fortes vínculos com São Paulo – afetivos, acadêmicos e políticos. A AGB nunca mais foi a mesma depois de 78, quando da realização do 3º Encontro em Fortaleza. A entidade vivia um período turbulento, favorável à contestação e à inovação. Em meio a muitos erros e acertos, a AGB se legitimava e firmava-se como porta voz de uma categoria que pouco se expressava. Atribuindo *latu sensu* ao conceito de geógrafo, a AGB tornou-se, rapidamente, uma entidade de massa. Transformei-me junto. Fui aumentando meus vínculos com a entidade e ampliando minha militância. Assumi a direção da Seção Fortaleza e com a ajuda de vários companheiros conquistamos, os geógrafos, visibilidade e destaque na sociedade cearense.

GeoUERJ - Também como professor universitário, você tem uma trajetória muito rica. Como você vê o ensino da Geografia na graduação e na pós-graduação? Que medidas proporia para aperfeiçoá-lo?

Prof. José - Percebo uma sensível e nítida melhora nos cursos. Minha experiência mais próxima é com o Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará. Houve uma mudança no perfil do aluno. A profissão está até certo ponto, em voga, ocasionando um aumento acentuado na concorrência para o ingresso em nosso curso. Essa concorrência foi benéfica no que tange à qualidade do aluno. Mais afeitos às leituras e com maior interesse pelos temas abordados, esse aluno é mais arguto e reflexivo quando comparado com aqueles dos anos 80. A meu ver a grande dificuldade reside na concepção do currículo e na composição da grade. O campo ficou mais vasto. Em contrapartida, temos profissionais mais qualificados. No caso do Departamento de Geografia da UFC, do quadro de professores, 9 são doutores e apenas um professor não está matriculado em curso de doutoramento.

Diante da complexidade do campo de estudo da geografia, fica um pouco difícil estabelecer conteúdos com os respectivos referenciais teóricos, destacando as técnicas específicas adequadas a cada abordagem e as dinâmicas de intervenção correspondentes. Há de se considerar também a expansão desmesurada de cursos de geografia mantidos por instituições privadas, especialmente aqueles mais voltados à formação de professores para os ensinos fundamental e médio. Sem o devido controle e com precária supervisão esses cursos proliferaram-se com pouco compromisso com a qualidade e com a formação do pessoal docente. Isso não significa dizer que todos os cursos mantidos por instituições de ensino superior público tenham melhor qualidade, embora isso seja tendencial. Sabemos de várias instituições de ensino privado que mantêm excelentes cursos de graduação em geografia. Na ausência de um melhor controle oficial, posto que o “provão” não tem se traduzido como garantia de melhoria de qualidade, tem cabido ao mercado exercer a filtragem e selecionar o nosso profissional. O contexto da crise econômica, marcado por uma situação sem

igual no mercado de trabalho, afetou também a geografia. Assim, aqueles alunos(as) com melhor desempenho durante a graduação, buscam logo a pós-graduação. O resultado tem sido uma melhora expressiva da pós-graduação em geografia. Muitos não concordarão comigo. Falarão da queda da qualidade. Chamo a atenção que também levo em conta a melhor distribuição espacial dos cursos de pós-graduação no país. Hoje, o eixo Rio-São Paulo não é exclusivo, foi superado e os candidatos têm um amplo leque de cursos à sua disposição. Há de se considerar a paulatina redução do tempo de vigência das bolsas concedidas pelas agências de fomento, o que tem forçado a produção rápida das dissertações de mestrado e das teses de doutoramento. Os que acusam a queda da qualidade ou do nível de aprofundamento dos pós-graduandos, não pensam na questão da temporalidade. Esses profissionais iniciam suas atividades profissionais já titulados. Ingressam no mercado de trabalho ainda bem jovens, tendo mais tempo para dedicarem-se às pesquisas acadêmicas e à gestão universitária. Cabe ressaltar o papel da AGB e da ANPEGE. Ambas desempenham importante papel no aprimoramento dos estudantes durante sua formação com a organização de múltiplos eventos que colocam em xeque a produção geográfica do país e do exterior.

GeoUERJ - Há uma série de experiências internacionais com a Geografia que mereceriam destaque. Como você vê a Geografia fora do Brasil e como se compara a “nossa” Geografia com aquela praticada nos países onde conviveu com Geógrafos?

Prof. José - Minha maior experiência foi adquirida com geógrafos franceses, especialmente Paul Claval, com quem desenvolvi meu pós doutoramento na Université de Paris 4 – Sorbonne, no período de outubro de 1991 a fevereiro de 1993. Michel Rochefort tem sido companheiro constante de discussões e grupos de pesquisa. Estes mestres mantêm participação ativa no intercâmbio e no debate de idéias.

118

Ambos têm mantido contato amigável com professores de nosso Departamento. Num segundo plano aparecem os espanhóis, especialmente o geógrafo Antônio Campesino da Universidade de Extremadura. Com os portugueses, tenho discutido com João Garcia da Universidade do Porto e João Sarmiento da Universidade do Minho. Ainda na perspectiva da geografia, trabalhei temas geográficos com vários profissionais não geógrafos. Na maioria das vezes urbanistas, arquitetos e sociólogos. Annik Osmont é minha principal parceira. Com ela já participei de vários grupos de trabalho e muitas experiências de pesquisa em França, Bélgica, Itália, Colômbia e Cuba, sendo a última no GEMDEV-GIS Économie mondiale Tiers-Monde Développement, onde participei do Seminário de Pesquisa do 1º Semestre do ano 2000, onde apresentei o texto “La réforme urbaine au Brésil – état des lieux (Le statut de la ville)”. Com Marcelo Balbo, diretor do Instituto Arquitetônico de Veneza, pesquisador extremamente conhecido na Europa, participei de várias reuniões em França, Itália, Cuba e Colômbia. O que pude extrair de minha experiência é o caráter extremamente acadêmico da pesquisa europeia. Não se percebe um envolvimento político efetivo do pesquisador no que concerne a um engajamento. Não quero dizer que eles não tenham militância e compromisso político. Penso que se manifestam de outra forma. Percebi uma nítida divisão entre o que se faz e o que se pratica. Já no Brasil, como estamos distantes de determinadas conquistas, nossa geografia é engajada. Temos ânsia em solucionar problemas estruturais. Vivemos a experiência da extensão universitária, do Projeto Rondon, do Projeto Mauá e tantos outros. Aqui entre nós, as entidades não podem e não devem cuidar apenas do aspecto corporativo atinente a cada uma delas. Basta observar e adentrar na experiência da AGB, esta entidade extraordinária que orgulha a categoria dos geógrafos no Brasil, com sua organização, produção, competência e

militância. Que país do mundo realiza encontros e reúne tantos geógrafos num único ponto como faz a AGB? É uma dificuldade enorme organizar e sistematizar todas as ações comandadas pela entidade. A qualidade e pertinência da geografia brasileira data de muito tempo. Da AGB criada em 1934, mesmo ano em que se cria o curso de geografia da USP. No Rio de Janeiro, logo a seguir são criados o curso de geografia da Universidade do Distrito Federal, mais tarde Universidade do Brasil e o IBGE. A institucionalização da geografia no país, com destaque para o IBGE, especialmente, em sua fase heróica, quando palmilhou passo a passo este país, estruturando um tratamento cartográfico, estatístico e antes de tudo, científico do país. Nos idos dos anos cinquenta, quando da realização do XVIII Congresso Internacional de Geografia da UGI – União Geográfica Internacional, Maximilien Sorre, chefe da comitiva francesa, ao visitar o IBGE, assim se expressou “Trata-se de uma verdadeira fábrica de geografia”, tal era a dinâmica daquele órgão. Essa tríade, AGB, cursos de geografia e IBGE, foi fundamental para que a geografia brasileira adquirisse a importância e o reconhecimento internacional. Nossos departamentos também são atuantes. Com o advento da pós-graduação, eles ficaram mais fortes. A criação das universidades federais em todos os estados acompanhada da ampliação dos cursos de graduação e posteriormente de pós-graduação, resultou e produziu uma geografia brasileira com vários matizes. Quero ressaltar o fato de que quando o geógrafo brasileiro vai buscar qualificação no exterior para atender às exigências acadêmicas ele acaba enriquecendo o país com várias matrizes conceituais e discursivas da geografia, especialmente a francesa, a alemã e a americana e também a inglesa. Reforça ainda a qualidade de nossa geografia, o avanço na tradução de textos estrangeiros dessas várias escolas. Os congressos científicos e colóquios ampliaram os espaços de discussão. Infelizmente, hoje, desenha-se uma nítida questão regional no

que tange à produção e divulgação do conhecimento científico. A justificativa de falta de recursos penaliza os departamentos mais distantes do “sul maravilha”. Posso falar de minha experiência. Já fui indicado para compor mais de oito bancas de tese no Departamento de Geografia da USP. E a resposta é sempre a mesma, ou seja, o professor não pode ser indicado pois reside fora da faixa permitida. Meu erro é “morar” em Fortaleza, cidade que encolhi para viver e trabalhar. Isso criou um “cordão de isolamento”, impedindo que pesquisadores que trabalham depois dessa linha imaginada e imposta pelas agências de fomento, possam colocar suas idéias em questão e discuti-las nas bancas examinadoras.

GeoUERJ - De sua produção tão variada, gostaria de destacar alguma obra, que tivesse um significado especial?

Prof. José - Cada texto que produzimos adquire um significado muito forte em nossas vidas. Meu livro “Os Incomodados Não se Retiram” continua sendo meu trabalho mais conhecido. Oriundo de minha tese de doutorado teve a edição de 1000 volumes rapidamente esgotada. Fico feliz em ver este livro sendo constantemente citado por pesquisadores brasileiros e estrangeiros. O tema que discuti foi inovador, daí a aceitação do livro. Praticamente não existia nenhum texto enfocando geografia e movimentos sociais urbanos. Hoje, no momento em que adquirimos maior maturidade profissional e produzimos com maior frequência um valor muito grande à minha produção jornalística. Sou articulista colaborador há mais de seis anos do jornal “O Povo”, muito conceituado no Ceará. Produzia inicialmente um artigo por semana às quartas-feiras e nos últimos anos, publico aos domingos, quinzenalmente. Explorei o que eu sabia fazer melhor – escrever e discutir sobre a cidade e o urbano, tendo Fortaleza como referência. O resultado não

poderia ser mais compensador. Recebo um excelente *feed-back* dos leitores e sou convidado constantemente para participar de mesas-redondas ou para preferir palestras ou conferências. Assino os artigos como geógrafo e professor universitário. Eles são sempre publicados com minha fotografia. O resultado é que sou freqüentemente reconhecido por leitores que sempre me perguntam: - É o senhor que escreve no “Povo”, não é? O senhor é geógrafo, né? Destaco as cartas que recebo e os muitos registros feitos por vereadores para que meus textos passem a integrar ao Anais da Câmara Municipal de Fortaleza.

GeoUERJ - Finalmente, que conselhos você daria a um jovem que se interessasse pela Geografia e queira, como você, dedicar-se, simultaneamente, ao ensino e à pesquisa? E a questão do mercado de trabalho, como se coloca nesse quadro de opções?

Prof. José - A geografia é apaixonante. Se um jovem estudante se envolve e consegue perceber a complexidade da trama que compõe nosso campo de conhecimento ele sentir-se-á comprometido com a busca de uma explicação. A tendência é buscar uma explicação lógica. Hoje, o geógrafo também tem que trabalhar na perspectiva da subjetividade, buscando o que não é evidente, o que não está explícito. Essa relação entre a objetividade, a capacidade sistêmica de se analisar vários aspectos da geografia e a subjetividade associada às pressões do mercado, abre um leque de opções para o nosso campo profissional. É óbvio que a formação fica mais difícil, que os instrumentais são mais variados. Entretanto, o estudante de hoje conta com a internet. Tem à sua disposição uma possibilidade quase infinita de informações. Ai talvez resida o problema. Nosso aluno dedicado ao ensino e à pesquisa tem que se decidir rápido quanto às suas opções. Da dicotomia tradicional Geografia Física X Geografia Humana, o campo de trabalho hoje é bem complexo. Cada área ou ramo adquire

caráter de campo autônomo, exigindo muito cuidado do pesquisador para que ele não perca as possibilidades de estabelecer relações. Lamento a ausência de leitura dos clássicos da geografia em nossos cursos. Aconselho aqueles que querem se dedicar ao ensino e à pesquisa que estudem a geografia na perspectiva de sua temporalidade. As abordagens contemporâneas serão melhor compreendidas se este estudante conhecer a História do Pensamento Geográfico, tentando extrair dela a Epistemologia da geografia. Os primeiros pressupostos, as bases do tratamento científico de nossa ciência, a formação de escolas, tudo isso é fundamental para que a geografia seja

assimilada e também transmitida de forma integral. O mercado de trabalho hoje está bem ampliado. O geógrafo está sendo chamado para trabalhar em sala-de-aula, em gabinetes de planejamento, em repartições públicas em escritórios especializados. As possibilidades de assessorias e consultorias são inúmeras. Para o profissional qualificado que apresenta bom domínio conceitual e adequada aplicação metodológica e emprego de técnicas compatível com cada caso, não faltará postos de trabalho. Aproveito para agradecer à Revista Geo UERJ a possibilidade da entrevista e o prazer de ter sido entrevistado por meu grande amigo João Rua.